

As lições do Dr. Barbério

A PHARMACIA BRASILEIRA convidou o farmacêutico-bioquímico **Dr. José Carlos Barbério** para participar do esforço desta revista de contar a história das análises clínicas, no Brasil. Barbério enviou-nos um artigo que aborda a trajetória do segmento profissional, a partir de sua própria história de pioneiro, fato que enriqueceu o nosso trabalho. Dr. Barbério foi expoente e, para sempre, será referência brasileira nas análises clínicas, especialmente, na radiofarmácia, setor do qual foi precursor. Mais que isto, Barbério emprestou a sua sólida qualificação à consolidação e modernização da produção de radiofármacos, no País.

Paulista de São Carlos, as ações e atitudes do Dr. Barbério ajudaram a puxar para cima a Farmácia brasileira, quer no âmbito acadêmico, como na prática profissional. Graduado em Farmácia e Bioquímica pela USP, em 1956, fez doutorado, na mesma instituição de ensino, dez anos depois. Dirigiu e foi professor titular da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da mesma USP e, em 1973, ajudou a fundar um laboratório para dosagem de hormônios, quando desenvolveu a técnica radioativa chamada radioimunoensaio. Foi um avanço nas dosagens.

O farmacêutico atuou, durante 30 anos, nessa área, tanto na prática, como na pesquisa. Também, foi secretário-geral do Conselho Federal de Farmácia, presidente da Associação Brasileira de Ensino

Os primeiros exames de análises clínicas datam do início do século XX. O teste de glicose foi o mais importante realizado na urina. Ficou famoso, então, o reagente de Benedict, que usava sulfato de cobre. Como curiosidade, bem antes de Cristo, já era conhecido o fato de que a urina de diabéticos atraía formigas, o que, de certa forma, já era uma indicação de doença.

A Química Orgânica e Biológica, Toxicologia e Química

Analítica deram suporte às análises, no Brasil, principalmente, nas escolas de Farmácia, em 1900. Nesta época, já se podia avaliar a glicose em papel de filtro. Em 1812, foi criado o Laboratório Químico Prático do Rio de Janeiro, estatal, com a finalidade de analisar substâncias e produtos das colônias, cujo sucesso não foi o esperado.

Por volta de 1920, o Laboratório Malhado Filho, localizada na Rua de São Bento, em São



Dr. José Carlos Barbério é pioneiro da radiofarmácia

Farmacêutico e Bioquímico (Abenfarbio) e da Sociedade Brasileira de Medicina Nuclear.

Mas não é só a admirável estatura profissional que impressiona em Dr. Barbério. A sua vitalidade é extraordinária. Com 88 anos de idade e em plena atividade, ele atualmente preside o Instituto de Ensino e Pesquisa na área da Saúde (Iepas), vinculado à Federação dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo. **VAMOS ÀS PALAVRAS DO PRÓPRIO DR. JOSÉ CARLOS BARBÉRIO.**

Paulo, era a referência para os médicos enviarem seus pacientes para exames. Em 1926, o Laboratório Fleury iniciava atividades na área do diagnóstico laboratorial, permanecendo entre os grandes laboratórios de expressão, até os dias de hoje. No Rio de Janeiro, nos anos de 1939 e 1940, o laboratório do médico Sérgio Afonso Monteiro, depois Sérgio Franco, constituiu-se como o mais tradicional e importante da cidade.

Em 1951, depois de um estágio na cadeira de Genética da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), fui contratado como técnico de laboratório, para exercer atividades no Departamento de Química Fisiológica da Faculdade de Medicina da mesma Universidade.

Lá, por anos, dediquei-me a auxiliar a preparação de aulas para os alunos do primeiro ano da Faculdade e, simultaneamente, aprender as técnicas de determinação de exames de sangue e urina. Em verdade, foi meu início semiprofissional de vida. Ao lado de professores e pesquisadores, colaborei com suas pesquisas, tomando gosto e interesse por esse setor. Foram esses anos, na Faculdade de Medicina, que me levaram ao vestibular de Farmácia e Bioquímica, na USP, em 1953. Em 1956, um estágio no Instituto Adolfo Lutz enriqueceu-me sobremaneira, principalmente, no setor de Alimentos.

Em 1957, já formado, a facilidade de escolha para o trabalho surpreendeu-me, pois nada menos que cinco possibilidades se abriram para mim. Escolhi a área nascente da energia nuclear aplicada, uma vez que uma nova instituição surgia para o ensino e a pesquisa. Era o Instituto de Energia Atômica de São Paulo (IEA), com vínculos com a USP.

Enquanto os prédios do IEA, ainda, estavam em construção, na longínqua Cidade Universitária, nossas atividades fixavam-se no Hospital das Clínicas, na primeira clínica médica, no laboratório de radioisótopos,

destinado a acolher pacientes para estudo e pesquisa da glândula tireoide, utilizando-se de novo instrumento de trabalho, o radioisótopo Iodo-131 e seus radiofármacos e, igualmente, para pesquisa em órgãos específicos do corpo humano.

Começava a crescer em importância a medicina nuclear, no País. Em 1962, a transferência para os próprios prédios do IEA, já constituídos, levou-nos ao que seria nossa trajetória profissional definitiva. A preparação de radiofármacos e moléculas marcadas como tentativa para livrar-nos, em parte, da importação dessas substâncias. Foram favorecidas, desta maneira, inúmeras clínicas, fazendo crescer a medicina nuclear entre nós.

No IEA, farmacêuticos-bioquímicos ocupavam-se das principais atividades em radiofarmácia, preparando os agentes necessários e, logo depois, como produção real para as clínicas de medicina nuclear. A partir de 1966, as faculdades de Farmácia instalaram as disciplinas de Metodologia e Aplicações de Radioisótopos, com o objetivo de pontuar a Radiofarmácia dentro do programa, assim, consagrando a especialidade.

Mas, paralelamente, havia iniciado, desde 1958, na Faculdade de Ciências Farmacêuticas, a convite da professora Maria Aparecida Pourchet Campos, minha carreira universitária nas disciplinas de

Bromatologia e Toxicologia, que continuou, até 1966, quando foi instalada a nova disciplina a mim entregue.

Com um protocolo de cooperação entre o IEA e a USP, foi possível basear minha carreira universitária, unindo dois interesses e que se iniciou com minha tese de doutoramento na área da Bromatologia, utilizando técnica pioneira de análise por ativação de nêutrons, com vistas à determinação de iodo em alimentos, de consumo diário na cidade de São Paulo. Seguiu-se, em 1973, meu concurso de livre-docência, no qual utilizei molécula marcada com Iodo-131 para estudos de interesse em farmacologia veterinária, considerada absolutamente original.

Em 1971, um prédio específico para radiofarmácia foi construído e do qual fui seu diretor, até 1978, quando me transferi definitivamente para a Faculdade de Ciências Farmacêuticas, a fim de me candidatar ao concurso de professor titular, posto que ocupei, até 1982, quando fui escolhido diretor da escola, por quatro anos, e, a seguir, minha aposentadoria.

Com relação às análises clínicas, confesso que, sempre, dei o melhor de meus esforços ao Departamento de Análises clínicas e Toxicológicas, mesmo porque, com o avanço dos cursos de Biomedicina, era esperada sua evolução. Hoje,



todos participam igualmente da área, já que não podemos negar a evolução da tecnologia nas ciências em geral e, principalmente, no sistema de saúde, particularmente, na medicina diagnóstica.

Minha terceira atividade profissional foi vivida, na área privada, quando o setor de endocrinologia clínica manifestava grande interesse pela determinação de hormônios em bases mais precisas, como aquela já conhecida, em outros países, a técnica de radioimunoensaio que combinava a molécula marcada com radioisótopo com o princípio da imunologia (antígeno e anticorpo).

Associei-me ao médico Renato Di Dio, eminente endocrinologista e grandemente interessado na técnica. Assim, nasceu a CRIESP (Central de Radioimunoensaio de São Paulo) cujos 30 anos de vida permitiram, em todo o Brasil, que laboratórios interessados pudessem enviar suas amostras de soro ou plasma para a determinação de hormônios. Nascia, então, o sistema de apoio, hoje, consagrado, de levar a pequenos e médios laboratórios a realização de exames por parte dos maiores.

Inevitável que tudo tem seu tempo. A tecnologia e a inovação, como se esperava, abriram novos caminhos e novos métodos foram desenvolvidos. Mas a marca ficou registrada no espaço e no tempo. A presença do radioisótopo continua, pois grandes descobertas de fármacos ou substâncias de interesse para a medicina necessita, via de regra, de pesquisas com ra-



Dr. Barbério foi protagonista do início da medicina nuclear, no Brasil

dioisótopos para sua avaliação farmacológica, farmacocinética e toxicológica.

Por outro lado, a terapêutica moderna, chamada “teranóstica”, faz o diagnóstico com um radioisótopo e a terapia, com outro. Como exemplo, no câncer de próstata, um faz o diagnóstico e, imediatamente, outro “bombardeia” o tumor, destruindo-o. Promessa? Não! É a moderna Imunoradioisótopoterapia!

Logo, chego aos 88 anos de vida. De vida prazerosa. De trabalho diário. Familiar em casa e no trabalho. Com o trabalho, persisto, enquanto as forças permitirem. Como na presidência do IEPAS (Instituto de Ensino e Pesquisa na Área da

Saúde), órgão vinculado à Federação dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo.

Em 2018, o grupo que reúno realizou 143 cursos de interesse para trabalhadores de hospitais, clínicas e laboratórios, com vistas à capacitação, reunindo cerca de 3.200 servidores. Acrescento, ainda, realizações, como eventos, seminários, congressos e palestras. O que me faz supor que, ainda, me resta vitalidade para exercer, sempre, na área da saúde, de modo isento inter e intra-profissionalmente o meu trabalho. Mas, na Farmácia e na Bioquímica, estão as atividades que privilegio, porque, além de tudo, brotam de meu coração.



Os primeiros exames de análises clínicas datam do início do século XX. O teste de glicose foi o mais importante realizado na urina. Ficou famoso, então, o reagente de Benedict, que usava sulfato de cobre.

(DR. JOSÉ CARLOS BARBÉRIO, UM DOS PIONEIROS NAS ANÁLISES CLÍNICAS, NO BRASIL)

